



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## ENTRE A ‘VISIBILIDADE’ E A ‘REVELAÇÃO’: DISCURSOS SOBRE ‘ASSUMIR-SE’

Paulo Victor Leite Lopes<sup>1</sup>

“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é  
ainda vains levar além”. [Paulo Leminski]

Sentados em uma mesa no Mário<sup>2</sup>, estávamos Cláudio, Augusto, Pedro e eu, conversando sobre o tipo de namorado que gostaríamos de ter, qual seria o nosso “ideal”, o que ele deveria e o que não deveria ser, como se comportaria, o que iria gostar etc.. Em determinado momento, Pedro comenta: “Ah, ele tem que ser assumido”. Logo os outros dois concordam: “É... o meu também tem que ser”; “ah... também quero assumido!”. Perguntei “Como assim?”. Um deles respondeu: “Eu não quero ficar me escondendo” e o outro colocou o seu amigo em questão “Eu não vou ficar que nem o Cláudio, brigando todo dia”.

Pouco antes do carnaval de 2010, Cláudio conheceu um rapaz: Marcelo tinha vinte e quatro anos, ocupação profissional cujo o Ensino Médio era exigido e cursava contabilidade em uma universidade privada localizada em um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. É também nessa região da cidade, em um condomínio de classe média baixa, que ele residia com seus pais. Após alguns encontros, eles começam a namorar. É a partir do namoro que algumas tensões emergem com relação a uma dimensão mais pública do relacionamento, sobretudo, com relação aos carinhos feitos/recebidos (ou recusados/evitados) em público – como lembrado por Pedro no diálogo do bar citado acima.

No caderno de campo do dia 29 de março de 2010 relatei duas situações conflituosas entre Cláudio e Marcelo, a partir da narrativa do primeiro, a respeito de

---

<sup>1</sup>Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essa comunicação é um recorte na dissertação “Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos” que defendi na mesma instituição, em 2011, como pré-requisito à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social. Agradeço ao Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford pelo suporte dado ao longo do mestrado, tornando possível a execução dessa pesquisa. E-mail: pvleitelopes@gmail.com.

<sup>2</sup>Trata-se de um botequim situado em uma das principais ruas da favela, bem próximo do mais importante cruzamento, onde sempre tomávamos cerveja e conversávamos.



uma “visibilização dos afetos”<sup>3</sup>. Enquanto narrava os dois eventos, Cláudio disse que pensou em “correr” quando ficou sabendo que Marcelo “não era assumido”, pois “eu (ele) não queria viver tudo o que vivi com Tiago de novo”. Cláudio disse que quando ele e seu namorado foram “fazer uma DR (discutir relação)” a respeito da primeira discussão (o primeiro evento que ele me narrou), outro conflito teve origem. Ele contou que estavam na praça de alimentação de um shopping quando tentou fazer um carinho no rosto do namorado. Na mesma hora, Marcelo teria mostrado um certo desconforto e retirou a mão dele. Continuaram a conversa. Em outro momento, Cláudio teria dado um abraço no rapaz e ele não teria correspondido. Cláudio então perguntou “o que que tá havendo?”. Marcelo respondeu “Não tem nada. Só não quero ficar me expondo. Alguém pode passar”. Eis que o outro retrucou “não é uma questão de exposição, mas de carinho”. Antes de um longo silêncio – inaugurado por essa fala – concluiu: “isso é um absurdo!”. Caminharam em direção à sala de cinema – em seu relato, Cláudio frisou que os ingressos já tinham sido comprados, se não teria ido embora – e assim que as luzes da sala de projeção se apagaram, Marcelo tentou beijá-lo. Cláudio narrou essa parte especialmente emocionado. Seus olhos marejaram e, ao contar que o afastou imediatamente dizendo que aquilo era um absurdo, parece ter impostado a voz para controlar possível oscilação no tom da mesma (já cometendo o ‘deslize’ que pretendia evitar). Contou ainda que se mantiveram em silêncio durante o filme e, ao final da sessão, conversaram coisas parecidas com o diálogo da praça de alimentação.

Nesse episódio, podemos destacar uma contraposição entre uma preocupação – de Marcelo – em se “expor” e o desejo – de Cláudio – em fazer um carinho no seu namorado<sup>0</sup>. Essa não foi a única vez que o casal brigou a respeito de suas diferentes posições a respeito da manifestação pública de carinho. Isso se repetiu muitas vezes e com os mesmos discursos ao longo do namoro. Há uma clara identificação desse – e de alguns outros – informante (s) a determinados valores do ideal romântico e dos modos reconhecidos de sua expressão no interior de um relacionamento. A força do romantismo como um elemento que conduz a rompimentos, a transgressões, sintetizados, por exemplo, através de expressões como “prova de amor”, brota de alguns dos seus relatos sobre relacionamentos que viveram e que gostariam de/imaginam viver.

---

<sup>3</sup>De modo simplificado, entenderei aqui como “visibilização dos afetos” a expressão de algum gesto reconhecido socialmente como carinho mantido entre casais em público.



Ainda no relato trazido acima, Cláudio comenta que não desejava viver o mesmo que viveu em um relacionamento anterior. Ele relatou uma situação de tensão similar em seu namoro com Tiago:

“Eles (os pais de Tiago) colocam como se fosse eu, o viado da história, e o Tiago não fosse nada, era um momento do Tiago. E de repente poderia até ser, mas eu acho que não. Eu acho que o Tiago é muito mais covarde.

*Em que sentido?*

Cara, de boa, Paulo. Ele sempre sonhou, sempre quis agradar a família. Dá pra você fazer um parâmetro do Tiago antes e depois de se assumir. (...) Ele falava pra mim que era covarde. Tinha muita coisa que ele queria comigo que ele sabia que ela não ia fazer.

*Mas o que que você tá chamando de covarde?*

Covarde. Isso de voltar atrás, de recuar. Ah, eu amo você. Tipo, eu quero muito encarar as coisas, mas não consigo. (...) Depois que começou a falar mesmo [do namoro], de todo mundo ficar falando, aí ele começou a marcar comigo com ele já no quarto. E eu percebi isso, essa mudança. É, tem uma vez que aí eu terminei. Ele alugou o quarto e aí os amigos dele abriram uma lan house em frente ao quarto. Aí uma vez a gente passou de moto e ele não entrou no quarto. Ele deu a volta, ele ia passar por trás, pela Flávia Farnese [outra rua]. Aí eu peguei e falei assim: Eu não estou acreditando que você está com medo. Vai, volta, passa pela frente deles, buzina pra eles verem que a gente tá entrando. Se não eu não vou entrar nunca mais. Aí ele foi e falou assim: “Porra, tu é foda!” “Eu sou foda, mas você quis ficar comigo, lembra? Eu não falei pra você que ia agir de outro jeito”. Aí foi, ele pegou e fez tudo que eu mandei. Quando chegou lá eu falei: “Eu não quero mais ficar contigo. Tu é ridículo”. Aí foi, eu fiquei muito triste naquele dia. Chorei, tal. Fui embora.

Apesar de ter trazido dois exemplos na trajetória do Cláudio, esses relatos/valores não se limitam ao mesmo. Ainda utilizando o relacionamento de Cláudio e Tiago, mas incorporando uma experiência de sua própria vida, podemos observar a interpretação de outro interlocutor, Augusto. Segue um trecho de sua entrevista:

*Uma vez vocês falaram uma coisa interessante, no Mário, que pra arrumar namorado ele tem que ser assumido.*

Ah, sim, tem que ser assumido. Isso mesmo!

*Por que isso?*

Eu não vou namorar com um garoto que diz pra mãe dele que está saindo com a Isabela... E eu sou a Isabela! (risos) E foi muito isso que aconteceu com Rogério. Ele dizia para a mãe dele que namorava com a Fabiana. E eu era a Fabiana! Entendeu?

*Mas porque que você não acha legal isso?*

Acho que o cara tem que bancar de estar comigo.

*O que quer dizer ter de bancar?*

Bancar, tipo, por exemplo. Ele tem que, que... Eu vou dar um exemplo assim... Do Tiago e do Cláudio. Os dois transavam, fudiam gostoso e tal não sei o que. Aí na hora de, por exemplo, de repente... Se a gente tivesse numa situação de, por exemplo, numa festa e alguém tivesse dando mole para o Cláudio, aquilo outro, eu não sei o que não sei que lá, o Tiago jamais ia chegar na festa, ia dizer pra garota: “Pô, ele é meu namorado. A gente tá junto. Não tem nada ver”. Ele não vai fazer isso, um garoto que não é assumido, entendeu? Porque é importante... [...]

*Mas porque que é importante se assumir?*

Porque é importante ser assumido, porque eu acho que tem que ser assumido.

*Por quê?*

Porque, porra, eu acho.

*Mas por quê tem que ser assumido? Antes de tudo, o que é ser assumido?*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Não é ser assumido, não é ficar gritando para todo mundo que é viado. Não é isso. Mas é ele saber que ele é gay e que ele namora com outro rapaz. E que se as pessoas tiverem que saber disso, que ele possa dizer isso sem nenhum problema. Entendeu?

Augusto fala que “ser assumido” não significa sair por aí gritando “que é bicha”. Continuando a entrevista, ele ainda critica a parada e o caráter pouco político que, para ele, o evento tem – cita, sobretudo, os “viados que ficam fudendo na rua”. Para além de uma crítica que, de certo modo, é amplamente difundida, considero oportuno sinalizar para a existência de um (re) conhecimento da existência, de um modo de atuação e de uma repercussão do movimento LGBT para algumas bandeiras específicas. É ainda mais interessante a leitura que produzem a respeito de uma íntima relação entre um domínio das emoções, da manifestação pública dos sentimentos, de afetuosidade, e um plano político. Podemos observar isso na entrevista realizada com Pedro:

*Vocês uma vez falaram que o ideal de namorado era alguém assumido e não sei o que não sei que lá. Por que esse ideal?*

Porque quando você namora, eu já sou bem resolvido com relação a minha orientação sexual.

*O que é ser bem resolvido?*

Eu sou uma pessoa que não tem problema nenhum com a minha sexualidade. Eu não tenho problema nenhum das pessoas na rua me chamarem de gay, apesar de incomodar, mas pra mim não é problema nenhum. Não tenho problema nenhum de estar em um lugar e dar a entender que você é meu namorado, que fulano é meu namorado... Não tenho problema nenhum. Então, tem algumas pessoas que às vezes a gente sai, que são legais, mas que a gente pára de sair, que fica meio que se escondendo. Incomoda, não quer dar a entender. Ou você é ou você não é! Não é ficar retraído, com vergonha. Eu acho que gay tem os mesmos direitos de hétero. (...) Tem que sentar a vontade, ficar num lugar à vontade, do jeito que você é. Dar pinta a vontade sem medo de ninguém!

É interessante pensar nesse chamado/desejo pelo direito ao afeto como um direito que deve ser garantido a todos: homossexuais e heterossexuais. Ainda na produção dessa relação que elaboram, é interessante a piada que circula entre esses jovens a respeito da manifestação pública de carinho entre pessoas do mesmo sexo. Diversas vezes e com diferentes conformações de casais, em tom irônico, ouvia a exclamação: “Olhaaaaa, tá toda militante!”. Essa brincadeira sempre era precedida por abraços mais prolongados, beijos trocados ou mesmo quando dois rapazes ou duas moças, em locais públicos, dançavam juntos. Acho que essa piada é um interessante aspecto da incorporação de uma associação entre afeto e política no mapa reflexivo e político desses sujeitos. É oportuno ressaltar uma certa intimidade com um determinado desenho contemporâneo do movimento LGBT, para poder explicitar que, apesar disso ou mesmo por isso, seu discurso – em alguma medida – identitário não assume



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

contornos como o do movimento. Há uma crítica ao que considerariam exageros e algo como uma certa ‘artificialidade’ daquelas atitudes. Assim como tal movimento, eles operam com uma certa politização da intimidade, do privado, mas ao contrário do mesmo que o faz através de empreendimentos políticos *strictosensu*, eles terão o plano do afeto para operar como orientador dessa dinâmica política própria.

### ***Descortinando os personagens...***

Em artigo de 1991, Pollak e Schiltz, ao investigarem a constituição das identidades sociais de homossexuais franceses diante da Aids, indicaram a existência de três distintas categorias (“homophile”, “pédé” e “gay”) representativas de três diferentes personagens com suas respectivas experiências. Os autores definem “gay” como o personagem portador de um *ethos* hedonista, jovem, de origem social em setores médios e cuja formação já teria sido beneficiada por uma educação sexual mais igualitária. Sua atuação política seria marcada pela afirmação de seu caráter desviante e pela busca de positivar algo que é reprovado socialmente. Quando escreveram o artigo, o cenário pesquisado pelos autores ainda não tinha sido tão influenciado pelas transformações ocasionadas pela Aids. É oportuno notar que a experiência, o sujeito, os valores indicados sob a identidade “gay” se alastraram por diversos estratos da sociedade e não mais se restringem a, por exemplo, os “setores médios”. Fundamental na constituição desse personagem, ainda mais se o confrontarmos ao homophile, é o seu pertencimento geracional. Não é por acaso que os autores indicam as diferenças com relação a essa característica entre esses personagens.

Quero, portanto, destacar aquilo que pode ser uma experiência bastante difundida entre os jovens gays, sem, com isso, dizer que é exclusivo desses ou universal entre eles: uma performance mais afirmativa da sua homossexualidade, dado um cenário mais favorável, ou menos refratário, a essa experiência. Sob esse aspecto, vale a pena incorporar as reflexões de Facchini a respeito da relação entre “campo” e “arena” (2005; 2009; 2010) no que tangencia o Movimento LGBT. Essas duas esferas/espços sociais, como destaca a autora, constituem-se mutuamente e em íntima relação na produção de sentidos a respeito das sexualidades não-heterossexuais.

“Nesse sentido, no “campo” do movimento [LGBT] estariam todos os atores sociais diretamente envolvidos em seu cotidiano, como as organizações ativistas, as agências estatais e poderes públicos com os quais se relaciona e os atores do mercado que abrem



espaço ou se dirigem a homossexuais. Na “arena”, estariam todos(as) aqueles(as) que poderiam se reconhecer ou ser reconhecidos(as) a partir das categorias enunciadas no sujeito político do movimento, sem, no entanto, estarem diretamente envolvidos(as) no cotidiano da militância” (Facchini, 2009, p. 133).

Considero a elaboração desses dois planos bastante profícua para pensar a construção das homossexualidades, sobretudo, as de jovens LGBTs cujo as primeiras experiências em uma (possível) carreira sexual não-heterossexual já são marcadas pela atuação do campo, seja através da incidência política em diversas instâncias ou em sua “ampliação da visibilidade social”, cujo o resultado tem sido a crescente difusão de uma “visibilidade positiva”. Em geral, os meus interlocutores eram jovens, mas nem todos apresentavam o discurso a respeito da visibilidade aqui analisado. Por isso, é importante reconhecer a importância da variável geração, mas aprofundar na identificação desse perfil.

Combinada a experiência descrita acima – e muito relacionada com aquela experiência/identidade –, é a adesão dos sujeitos a uma subcultura gay, com todas as influências que isso proporciona na construção de si, através dos seus espaços de sociabilidade organizados a partir do lazer e/ou sexo e da linguagem apreendida/incorporada, que desejo destacar. França (2006, p. 104-105) nos ajuda a entender a relação entre a frequência em espaços de lazer do “circuito GLS” e a constituição de uma identidade LGBT positivada a partir de uma recuperação da relação entre movimento e mercado GLS nas duas últimas décadas:

“A década de 1990, além da expansão desse circuito – então também já conhecido como GLS – trouxe consigo uma configuração diferente do “gueto” homossexual de outrora: os espaços de consumo e sociabilidade passaram a incorporar em certa medida o discurso político de orgulho e da visibilidade, explicitando o seu direcionamento a um público de orientação determinada e incorporando símbolos popularizados pelos militantes, como a bandeira do arco-íris”.

Com essa referência, quero destacar que a grande frequência desses jovens em “circuito GLS” constitui uma variável interessante para pensar a relação que mantêm em direção a si mesmos, bem como as possibilidades de forjarem uma identidade positivada e, desse modo, uma recusa ao ocultamento ou ainda o desejo ou o local especial que sua afirmação pode ocupar em suas vidas. O que se pode observar é que a participação em determinados espaços pode conduzir a um certo “empoderamento” desses sujeitos, não apenas com relação a si mesmos e aos seus pares, mas em direção aos que não compartilham do mesmo desvio. Embora seja uma experiência comum a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

presença desses jovens em espaços gays, acho que existem nuances interessantes sobre isso.

O grupo cujo discurso é examinado apresentou uma frequência maior em espaços de sociabilidade gay que os meus demais interlocutores – lembro de alguns períodos em que iam de duas a três vezes no fim de semana, podendo, inclusive, ocasionalmente combinarem com frequência durante a semana. Contudo, não só a quantidade de visitas – que pode representar uma adesão a determinando estilo de vida vinculado nesses espaços – deve ser considerada, mas também o tipo, a qualificação do lugar que se vai. Enquanto os membros dessa rede mantinham uma frequência mais equânime entre equipamentos de lazer identitários – como “boates” e “bares gays” – e locais para práticas sexuais, isto é, espaços de pegação – portanto, bem menos identificados com a produção de sujeitos sociais, atores políticos e discursos sobre a homossexualidade –, os demais interlocutores, costumavam ter uma frequência maior em espaços mistos (LGBTs e não) e, quando gays, muitos preferiam ir em “lugar de pegação”. Não que não frequentassem boates ou que recusassem esses equipamentos de lazer, mas que a ida a esses locais era, em geral, menor que em locais mistos e, se pensados em relação aos lugares de “pegação”, compartilhavam a mesma quantidade de frequência.

O argumento aqui empregado não pretende isolar e eliminar por identificação a espaços de pegação ou ainda a partir da frequência (ou não) a esses a afirmação de uma identidade gay, posto que todos os meus interlocutores se reconhecem como gays, mas compreender que o modo diferenciado como esses espaços se constituem (um entorno de identidades e outro de práticas) e a frequência a esses são indicativos de determinadas possibilidades e opções de construção de si – entendendo, é claro, que não são excludentes. Isso pode ficar mais claro, visto que, comparativamente, a frequência a boates gays está mais associada a uma certa socialização e identidade gay, portanto, em alguma medida, por “assumidos” ou ‘mais próximos’ disso. Sem dúvida, não se trata de uma relação imediata/direta entre frequentadores de espaços de sociabilidade gay voltados à troca sexual e a afirmação de uma identidade não-heterossexual, mas, como disse, comparativamente, os parques, ruas e banheiros de pegação, com seus segredos, escuridão e determinado estatuto do anonimato, acomodariam melhor a experiência de homens que fazem sexo com homens, mas que não constituem uma identidade a partir



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de tais práticas. Isso, é claro, não quer dizer que nas boates encontrar-se-iam apenas indivíduos que recorrem ao repertório da visibilidade e estão dispostos à enunciação da sexualidade como discutido acima. Mas, se pensado em termos da eleição de locais para se ir e o que cada um deles oferece em termos de possíveis parceiros afetivo-sexuais, fica mais fácil reconhecer a maior afinidade entre os que desejam relacionamentos, digamos, ‘afirmados’ com espaços como boate e bares gays, que os espaços de pegação. Assim, o grupo analisado fica mais restrito, guardando, sobretudo, o que seria um núcleo estendido do discurso aqui apresentado: Ângela, Augusto, Cláudio, Fabiana e Pedro.

Compondo essa configuração na constituição desses sujeitos, considero importante frisar que, desse grupo ‘que ficou’, apenas Pedro não participou de projetos sociais ou tem/teve alguma entrada, vinculação, a uma organização não-governamental local. Considero que essa não é uma informação secundária.

Valladares (2005), ao analisar os discursos produzidos a respeito da favela desde o seu surgimento, destacará como principais ênfases iniciais a identificação da mesma a partir do risco à saúde, à higiene e à poluição estética da cidade. As favelas, a partir de então, se tornariam alvo de intenso falatório, reportando, na maior parte das vezes, às ausências e dificuldades que se tornariam fundamentais à sua caracterização. Contudo, a partir da década de oitenta observar-se-ia um recrudescimento na nova formulação dessa representação: a constante associação desses territórios com problemas sociais, em voga inclusive atualmente, se tornou ainda mais significativa: “a favela como lócus da pobreza” (Valladares, 2005, p.151), e conseqüente vinculação desta à violência, ilegalidade e marginalidade, conduziu não apenas a rejeição dessas regiões das cidades, mas, como conseqüência, a estigmatização dos seus moradores.

Muitos foram/são os modos articulados para produzir uma eficiente gestão dessa população. Mais visíveis, evidentes e públicas foram/são as ações militares violentas e repressoras. Contudo, outras ‘medidas preventivas’ foram/são adotadas, entre elas, uma teve (tem) grande capilaridade e bastante adesão entre o seu público-alvo: “os projetos sociais”. Implantados a partir de ONGs, Igrejas, Associações de Moradores e outras entidades associativas, a sua expressiva maioria, tinham /tem a intenção de “qualificar para o mercado de trabalho”, “melhorar o rendimento/aproveitamento escolar da criança e do adolescente”, “afastar os jovens do tráfico”, “do crime”; “informar sobre a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

prevenção a gravidez precoce”, “ao HIV/Aids”, “às drogas” ou ainda “desenvolver uma cultura de paz”. Um projeto poderia reunir todas essas intenções, combinar duas, três, mas, na maioria dos casos, articulava-se a partir da combinação de três campos de investimento: saúde, trabalho e educação. Contudo, o interesse de trazer essas informações não é examinar seus projetos e discursos, mas apontar para algumas ressonâncias de seus discursos na construção de si dos sujeitos dessa pesquisa.

Central na organização, no modelo de gestão, na ideologia desses projetos, são as difusas noções de “promoção da auto-estima” e “empoderamento dos sujeitos”. Em sua maioria, esses projetos eram voltados aos jovens, visto que a expressiva adesão de indivíduos dessa faixa etária a práticas criminosas, sobretudo, ao tráfico de drogas, os tornavam ‘os mais perigosos entre os perigosos’. Assim, esses projetos, a partir de gramáticas específicas, atuando a partir das mais diferentes práticas, discursos e exercícios, pretendiam produzir corpos dóceis, disciplinados, produtivos e úteis – não é por acaso a eleição da educação, saúde e trabalho como campos principais de investimento.

Como agentes disciplinadores e produtores de uma racionalidade específica orientada por conduzir essas populações marginais à civilização, esses projetos sociais traziam/em consigo práticas individualizantes, psicologizadas, modernas. Como disse acima, a orientação por conduzir os sujeitos ao seu “empoderamento” ou a desenvolverem a “sua auto-estima”, fazia/faz com que operassem/operem com noções afirmativas de dispositivos próprios a um modo de constituição de si, de um estilo de vida, mais afinado com valores individualistas-modernos, progressistas, igualitários.

Como disse anteriormente, apenas Pedro não participou de projetos sociais. Todos os demais participaram de diferentes tipos, mas todos tiveram alguma entrada em pelo menos um cuja tônica se dava a partir da “saúde do adolescente”. É interessante que os relatos sobre a descoberta dos desejos e das primeiras práticas correspondiam ao período em que vinculavam-se a esses projetos. Não é preciso lembrar as discussões de Foucault a respeito da produção de uma saber médico-psi a respeito da sexualidade dos sujeitos, do seu papel em termos de regulação de práticas específicas, da condução a uma experiência específica com relação à mesma, de descoberta de sua verdade a partir do reconhecimento e da experimentação da mesma, de si como um ser sexualizado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Para pensar sobre a importância desses “projetos sociais” sobre a experiência dos sujeitos, é interessante a fala de Fabiana. Com um longa trajetória em projetos sociais, Fabiana produz uma fala em que adefesa da relação entre bem-estar, auto-estima e aceitação da orientação sexual culmina em revelá-la. Ela diz:

“Esse trabalho [a existência de um grupo gay na favela, a sua consideração com relação a idéia de ter um, as ações e consequências] ajuda as pessoas entenderem o lugar delas dentro do espaço onde elas vivem, sabe? Para elas não se sentirem envergonhadas, a não terem mais medo, sabe, a se sentirem pessoas como as outras, sabe? Porque, às vezes, eu fico achando que a coisa de ser gay, as pessoas tem uma coisa de baixa auto-estima, eu fico achando preocupante isso, porque ninguém tem que ter baixa auto-estima e muita gente tem, né? Tanto é que se esconde, que acha que não pode, que não pode revelar, eu acho que é um tipo de trabalho que pode alcançar muito”.

Desse modo, acredito que a participação desses jovens em projetos sociais é fundamental para os modos como se constituem – em articulação com todas as demais variáveis trazidas aqui. A idéia de articulação é central, pois não se trata de uma seqüência, de uma soma, mas de uma íntima relação entre essas variáveis, falo em termos do desenvolvimento de uma configuração específica a partir dos pontos destacados.

### ***Autenticidade X Artificialidade: Entre o saber ser e o saber fazer/dizer***

Retornemos ao ato/gesto/efeito de “se assumir”. Falo em artificialidade e autenticidade no título dessa seção, pois esses valores parecem brotar em suas narrativas a respeito do se assumir como um valor especial, de maior “dignidade”. Contudo, é interessante notar que o modo como se faz também aparece como uma questão importante. Um caminho interessante é pensar nesse exercício do revelar sua “orientação sexual” a partir de uma inscrição em um plano próximo ao da honra. Ainda chamou a minha atenção a referência sempre presente às noções de verdade, coragem e maturidade para caracterizar essa ação, sendo também estes os valores considerados para a própria requalificação de si desses sujeitos.

Pedro explicita a importância de “se assumir” em determinadas relações:

*Você contou em outro lugar [além da família] que era gay?*

*Pra alguns amigos sim*

*E como é que foi?*

*Alguns falaram. Até que fim que você se assumiu, né? Da minha boca, assim, tinha gente que eu achava importante saber da minha boca.*

*Por quê?*



Por que eram amigos muitos próximos meus, entendeu? A pessoa quando é minha amiga eu tenho um carinho muito grande. Eu prefiro que saiba da minha boca, que tenha a confirmação da minha boca.

Não foi apenas Pedro que falou da importância de que amigos e famílias soubessem de “sua própria boca”. Outros interlocutores relataram o mesmo desejo e uma satisfação por isso ter acontecido em suas relações mais íntimas, com as “pessoas especiais”. A fala de Pedro pode ser interpretada à luz das reflexões de Nunan (2003) para quem o “*coming out*” pode ser tomado como um gesto que forja uma relação de confiança, um laço entre aquele que se revela e aquele para quem se é revelado, conduzindo, nos casos de uma resposta positiva, a um estreitamento de vínculo entre esses sujeitos, da aceitação do desviante pelo outro. Para a autora, será ainda mais significativo do estabelecimento desse vínculo de confiança e, conseqüentemente, dessa proximidade da relação, quando a revelação se dá de um modo mais ‘pacífico’, ‘tranqüilo’, possibilitando, desde esse momento, a primeira conversa sobre o assunto.

Sob esse aspecto, é interessante tomar uma fala de Fabiana que corrobora essas reflexões. Conforme relata, parece ter havido uma mudança na “opinião” que a família dela tinha sobre a mesma após ela “ter se assumido”. Fabiana diz:

É isso... eu acho que essa coisa da sexualidade não interferiu em absolutamente nada, sabe? Pelo contrário...

*Como assim, pelo contrário?*

Não, assim... parece que depois que eu contei isso eles tiveram outra opinião sobre mim.

*Por quê?*

Sei lá, acho que de coragem, de eu ter contado, de eu ter assumido pra eles ali, daquele jeito. É que eu estava assumindo aquilo para mim também, bancando para mim, para minha vida, para todo mundo que quiser saber. Eu acho que isso deixou eles mais orgulhosos.

*E como foi com o resto da família? [...]*

[...] A primeira prima para quem eu contei foi para a Clarice.

[...] *Ah, mas a Clarice tem a Nessa<sup>4</sup>, né? A Nessa também contou para a mãe...*

A Nessa gritou para a mãe, não contou. Fez uma confusão no meio da minha rua.

*Como foi isso?*

Eu não te contei? Tinha pouco tempo que eu tinha contado para a minha mãe que eu estava namorando com a Fernanda, que eu era lésbica. [...] Aí ela gritou para mãe: “Eu

---

<sup>4</sup> Vanessa, mais conhecida por seu apelido Nessa, é uma jovem adolescente, tem 16 anos, e mora na casa embaixo da casa de Fabiana com sua mãe e o seu irmão. Está cursando o Ensino Médio. Sua performance masculina rendeu à mesma, em uma das festas da família, o apelido de “Nessão”. Seu corpo sarado e o desenho do rosto bonito é contrastado, por colegas e familiares, com a sua performance de gênero, jeito de andar (“como se fosse um garoto”) e vestuário (bermudas masculinas abaixo da cintura, de modo que permita exibir a partir de cima de sua cueca, combinadas com um top ou camisa sem desenhos feminilizantes e boné). Muitas vezes ouvia “uma menina tão bonita, se se arrumasse”, “se colocasse um vestido”, “se eu tivesse o corpo da Nessa, só ia usar saia” etc.. Não entrevistei Nessa e, portanto, não cheguei a inquiri-la a respeito de sua identificação quanto a orientação sexual, contudo, em diversos situações cotidianas a ouvi dizer que era, bem como os outros a chamavam, “sapatão”.



pego mulher mesmo!” Para ofender, para machucar a mãe, sabe? Gritou isso na rua. Eu falei... Puta que pariu! Era uma época que ela estava vindo muito conversar comigo. [...] Puta que partiu, a Clarice vai achar que eu influenciei a filha dela!!! [...] Ela [Nessa] ficou nervosa, ficou alterada. A mãe dela queria bater nela de pau.

*Mas porque era sapatão?*

Não, porque ela estava enfrentando ela. A Clarice virou para a minha mãe e contou, foi minha mãe quem me contou, veio falar comigo sobre, sobre essa história. “Não, Fabiana... A Clarice não tá chateada porque a Vanessa, enfim, porque a Vanessa...” [risos] Ficou toda sem graça de falar, né? Eu falei não, eu tô entendendo, mãe. [risos] Aí ela “mas é porque ela enfrentou ela. E ela falou aquilo de um jeito para magoar a Clarice, por isso a Clarice ficou com raiva dela”. A Vanessa quis enfrentar ela e foi isso que a Clarice não admitiu. Não foi o fato dela ser sapatão, foi o tom e como ela usou pra fazer. Eu falei com ela que ela não pode fazer isso...”

Ao contrário de Nessa, Fabiana revelou aos seus pais que “tinha uma namorada, que era lésbica” de outro modo: entrou no quarto dos seus pais, pediu para conversar com eles, disse que “precisava” falar – “queria dizer para vocês que eu tô bem, muito feliz; dizer que eu tô namorando, mas é com uma menina”. Aqui não se trata de apenas dois comportamentos, duas atitudes, duas diferentes relações com a família. Não se trata também de atos/gestos isolados. Através desse relato opera-se duas construções de si como sujeitos morais diferentes. Sob esse aspecto, considero oportuno tomarmos as reflexões feitas por Foucault a respeito da construção de si como “sujeito moral”:

“Com efeito, uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra. Mas, outra coisa ainda é a maneira pela qual é necessário „conduzir-se” – isto é, a maneira pela qual se deve constituir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código. Dado um código de ação, e para um determinado tipo de ações (que se podem definir por seu grau de conformidade ou de divergência em relação a esse código), existem diferentes maneiras de “se conduzir” moralmente, diferentes maneiras, para o indivíduo que age, de operar não simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação”. (Foucault, 1984, p. 27)

Da contraposição do relato sobre Fabiana e Nessa, podemos observar a constituição de dois sujeitos morais diferentes, resultando em dois finais distintos. Conforme destaca Foucault, à constituição dos sujeitos é imprescindível o desenvolvimento de uma “ascética”, de uma “prática moral” que apoie uma determinada ação moral. Subjaz dessa fala de Fabiana a valorização de uma certa experiência, de um sujeito que se constitui a partir de um controle das emoções, que age com temperança e que lida, por exemplo, com a revelação de sua orientação sexual não de modo ofensivo, agressivo, mas com um certo arranjo cordial. Utilizando os termos já citados em falas dos meus interlocutores, “que banque a situação”.

Ainda com relação a isso, é oportuno citar um trecho da entrevista onde Maria – “lésbica assumida” – avalia as tensões entre a sua mãe e a sua irmã – “lésbica não



assumida” – que, segundo relatou, não ocorrem com ela. Antes de tudo, é preciso frisar que Maria aponta algumas características que, para ela, são significativas à aceitação da sua mãe: “não sou masculina” e não “sou mal-falada”. O fato de ter “tentado mudar” e não ter conseguido é outro elemento que, para ela, ajudou a sua mãe a “aceitar” – “ela viu que não tinha jeito”, disse Maria. Em comparação com sua irmã, diz que sua irmã é mais masculina e que o fato de sua mãe nunca a ter visto fazendo nada, ao contrário da sua irmã, poderia facilitar as coisas no seu caso. Contudo, apesar de apresentar todas essas características/elementos que tornam a sua irmã ‘mais problemática’ na interação com sua mãe, ela conclui que o problema pode ser enfrentado de um modo: sua irmã deveria “se assumir”.

No caso minha irmã também é lésbica, mas não é assumida. No caso, todo mundo sabe, mas ela não fala, entendeu? Evita falar que tem namorada. Eu sou cara de pau mesmo, a minha namorada é essa aqui, eu falo e tal.

*Isso em casa?*

É. (...)

*Você falou que a sua mãe, você acha que ela ficou mais tranqüila, porque, como é que é, você não é mal-falada...*

Eu não sei... Ela acostumou, né. Ela já falou bastante, no começo...

*O que que ela falava?*

Não, comigo ela nunca falou muito. Acho que ela não acreditava que eu era, acreditava não acreditando. Agora com a minha irmã. Acho que porque ela nunca me viu, já com a minha irmã.

*Ah, ela nunca viu você com uma menina?*

É. Beijando. Namorada ela já viu várias, várias não, duas.

*Ah... é, mas a sua irmã ela já viu beijando?*

É...

*Aí ela já brigou com a sua irmã...*

É... (...). A minha irmã também já é mais masculina que eu.

*An-rã?*

Por isso que ela implica mais com ela, também.

*O que que sua mãe fala para a sua irmã?*

Minha mãe já chamou de sapatão, porque que não ia procurar um homem...

*Como assim? Ela chamou a sua irmã de sapatão, tipo “sapatão!”?*

É.

*Como é que foi isso? Conta uma cena, assim...*

Deixa eu lembrar... Um dia minha irmã tava ouvindo Ana Carolina e ela virou e disse: Por isso que você tá sapatão desse jeito, fica ouvindo essas mulheres cantando... Que no CD dela tem umas músicas que tá escrachado, né? Só de ouvir música, assim, ela não gostava. Quando minha irmã vai falar mal do meu irmão, ela fala: “Pelo menos ele é hétero, né? Vai ter uma família. E tu? Vai procurar um homem!” Umassas coisas assim, né?

*E o que que você acha, você sente quando ela diz isso?*

Pra falar a verdade, eu acho graça... Porque minha irmã é muito boba, ao invés dela tomar uma atitude, minha mãe chama ela de sapatão, ela não faz nada. Até quando a gente briga, minha irmã me chama de sapatão, isso na frente dela, pra ver se a minha mãe briga comigo também... “Ah, sua sapatão!”. Eu falo “Ah, sou mesmo, e aí?”. Ela não tem...

*O que que você acha que sua irmã poderia fazer?*

Ué, se assumir, entre aspas, né? Minha mãe sabe que ela é, mas ela fica ali sempre, nunca... [...].



*Você acha que se ela se assumir sua mãe vai parar de perturbá-la?*

Acho que sim, né, porque no caso, né, ela não se impõe.

*Você acha que a sua mãe só perturba porque ela não se impõe?*

É.

A definição de Pollak (1986) sobre “coming out” é uma das mais utilizadas nos estudos sobre as homossexualidades no Brasil – é o “processo que leva o homossexual ao reconhecimento público, “sem angústia”, de sua orientação sexual, como também o seu engajamento no circuito, em uma sociabilidade gay, construindo sua “carreira sexual””. Tal como se apresenta, observa-se uma certa coexistência de uma experiência pública e de outra privada a respeito da “saída do armário”. No entanto, quero salientar que os sentidos do “se assumir” entre boa parte dos meus interlocutores se caracterizaria mais pelo ato de contar a alguém, de enunciar essa experiência desviante. É menos uma relação consigo, de reconhecimento “sem angústia” de sua orientação sexual, mas uma certa “coragem” ou disposição para “banciar” essa dimensão da sua vida – que, nesse caso, também envolve a adesão a uma sociabilidade gay.

A partir destas considerações, é possível afirmar que a fala, essa enunciação, não é simplesmente o meio de transmitir um conteúdo, mas traz consigo, em sua dimensão interativa, performática, um conteúdo próprio. Considero oportuno trazer uma citação de Oliveira (2006, p. 32) a respeito da fala:

“A fala pode ser tomada como um *gesto*, devendo ser entendida enquanto ação cujo efeito depende do contexto em que a interação transcorre, da avaliação que outros atores sociais fazem da performance do sujeito falante e da percepção que este projeta acerca de todo o processo, com base em experiências anteriores incorporadas, sedimentadas e materializadas. Informações adicionais ao conteúdo de um enunciado podem ser, ainda, oferecidas pelo locutor no próprio ato fonético estabelecido na enunciação”.

A enunciação é, portanto, não apenas um meio de comunicar algo, mas de uma espécie de ‘tomada de posse da palavra’ e, de algum modo, assumir o controle da situação ou a “bancando”. Goffman (1988) argumentará que a enunciação, que uma certa ‘confissão’ de uma identidade deteriorada, apesar da exposição desses sujeitos e fortalecimento do estigma trazido por esta identidade, produziria, ao mesmo tempo, a retirada do estigmatizado de sua posição inferior, a partir desse protagonismo assumido.

Portanto, considero pertinente sugerir que, nos discursos aqui analisados, há um reconhecimento moral superior a alguns signos associados a um plano que poderíamos considerar como sentimentos, sensibilidades genuínas, autênticas, verdadeiras, em detrimento de repressões, inibições e falseamentos. Contraporia um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

respeito/atenção/valorização dos sentimentos quando esses correm num fluxo ‘natural’, sem impedimentos ou “forçação”. Quando são puros, não contaminados. Esses seriam mais autênticos, honrados e verdadeiros. Um regime das emoções que deve ser vivido dando uma vazão a determinada força romântica, a um regime dos prazeres marcado por tais valores.

Sob esse aspecto, ainda é interessante lembrar que algumas das críticas a ações do movimento pareciam se articular entorno de uma rejeição a determinadas práticas consideradas artificiais, não autênticas ou, no léxico nativo, “forçadas”.

Emerge dos trechos de entrevistas e dos relatos de campo trazidos acima uma certa opção pela não-discrição – ou por um não-silenciamento – em determinados contextos. Através de uma referência a valores que circunda o “ideal do amor romântico”, de sua manifestação pelo casal por meio da troca de carinhos e afetos, esses sujeitos atualizam um certo repertório de ‘visibilidade/afirmação da homossexualidade’. Tratar-se-ia de um sair do armário que não é mais dos sujeitos em si, mas das possibilidades de manifestação de carinho de seus autores.

É interessante, a partir dessas falas, compreender que essa configuração do “se assumir” com esse regime das sensibilidades constitui o caminho percorrido por esses sujeitos em suas vivências da sexualidade. Eles, a partir de tal combinação, operariam uma certa visibilidade do privado que é interessante não apenas para pensar novas formas de politização da esfera íntima, mas, numa dimensão mais cotidiana, suas próprias (re) elaborações a respeito de sua posição nas suas relações diárias. São dimensões minúsculas, pequenas, que constituíram a formulação de uma outra política, de alcance reduzido, bem limitado, mas nesse caso forjados a partir da arena.

Se a política nesse caso pode ter um alcance limitado, reduzido, isso, contudo, não faz dela uma questão menor, irrelevante, pois, como defendeu Guimarães (2004, p. 57), “... a forma de expressar a identidade “assumida” obedece a um modelo de apresentação pública conforme o *ethos* homossexual específico. Ou seja, a identidade homossexual “positiva” remete à representação social do que é visto como positivo em cada contexto e situação”. Assim, compreender esses mecanismos, essas disposições, essas definições e escolhas do cotidiano são elucidativas para se pensar não apenas as representações das homossexualidades, mas as formas de constituição de si dos sujeitos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

no “plano da pragmática” (Crapanzano, 2002) e, como consequência, o lugar social ocupado por essa experiência no mundo.

### **Bibliografia:**

Crapazano, V. Estilos de interpretação e retórica de categorias sociais. In: Maggie, Y; Rezende, C. (Org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 442-458.

Foucault, Michel. História da sexualidade II: o cuidado de si. São Paulo: Graal, 1984.

França, Isadora Lins. “Cada macaco no seu galho?”: Poder, identidade e segmentação de mercado. Revista Brasileira Ciências Sociais, fev. 2006, nº 2006

Goffman, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988. 115 p.

Guimarães, Carmen Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

Lopes, Paulo Victor Leite . Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/UFRJ, 2011.

Nunan, Adriana. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

Oliveira, Leandro de. Gestos que pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: PPGSC/IMS/UERJ, 2006.

Pollak, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: Ariés, Philippe; Béjin, André (Org.). Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 54-76.

\_\_\_\_\_. etSchiltz, Marie-Ange. “Les homosexuels français face au sida. Modifications des pratiques sexuelles et émergence de nouvelles valeurs”. *Anthropologie et Sociétés*, 15/2-3 L' Univers du Sida, 1991. p. 53-62.

Valladares, Licia do Prado. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 204 p.